

SÁNCHEZ TRIGO, ELENA; DIAZ FOUCES, OSCAR (COORDS.) (2000),
Traducción & Comunicación, Vigo: Servicio de Publicacións
da Universidade de Vigo, vol. 1

VIVINA DE CAMPOS FIGUEIREDO

Este volume – o primeiro de uma série que promete continuidade – reúne um conjunto de conferências que foram sendo proferidas na Universidade de Vigo, em ciclos dedicados precisamente ao tema “Tradução e Comunicação”, com início no ano lectivo de 1997-1998.

Os seis artigos aqui contidos repartem-se pelos seguintes campos da vasta área dos Estudos de Tradução: dois reflectem sobre História da Tradução, cada um a seu modo: um trazendo à memória um ilustre tradutor e mediador entre culturas, outro fazendo a resenha histórica dos ‘intérpretes jurados’; outros dois ensaios reflectem sobre a actividade concreta dos tradutores e as elevadas responsabilidades que lhes recaem nos ombros; um artigo toma em punho um polémico mas incontornável conceito da Teoria da Tradução e um outro é um testemunho em primeira pessoa do esforço envolvido no exercício concreto da tradução. O que a seguir se oferece constitui meramente o levantar a ponta do véu sobre os conteúdos de cada um deles, pela ordem em que aparecem.

A abrir a colectânea, Oscar Díaz Fouces debruça-se sobre uma importante e multifacetada figura das letras catalãs – Ignasi de Loyola Ribera i Rovira (1880 – 1942). Jornalista, poeta, conferencista, escritor, professor, tradutor e, transversalmente a todas estas actividades, uma **ponte**, como diz o Autor, entre a Catalunha e Portugal. Circunstâncias profissionais do pai o trouxeram a Portugal, onde muito jovem se tornou colaborador de publicações portuguesas. Em 1905 proferiu as primeiras conferências no *Ateneu Barcelonès* sobre Literatura e Arte em Portugal. Instituiu uma Cadeira Popular de Língua e Geografia Colonial Portuguesa nos *Estudis Universitaris Catalans* e

uma Cadeira de Língua e História Portuguesa no *Ateneu*. Outra forma de apresentar os escritores portugueses na Catalunha foi a da tradução que exerceu nos três modos literários: narrativa, lírica e drama. Ribera i Rovira é, portanto, uma figura a descobrir ou a redescobrir, sobretudo por nós, leitores portugueses, e este artigo tão fundamentado e tão agradável de ler pode bem ser um bom começo.

Joan Fontcuberta i Gel é o autor do artigo intitulado "Traducción y contacto entre lenguas". Tradutor e Professor de Tradução na Universidade Autónoma de Barcelona, o Autor centra a sua reflexão no elemento mais importante do processo de comunicação que é a tradução, i. e., o próprio **tradutor**, porque ele é o ponto de contacto entre duas línguas. O tradutor deve, como se afirma, cumprir dois requisitos-chave para assegurar um bom exercício da tradução: uma boa **compreensão** da língua da qual traduz e uma boa **expressão** da língua para a qual traduz, sendo neste último aspecto que o Autor mais se debruça, levantando questões fundamentais, como, por exemplo, a interferência da segunda língua na primeira e a interferência de uma terceira língua em situações de "bilinguismo diglósico". Ao mesmo tempo expendendo muitos e valiosos conselhos a quem exerce ou venha a exercer a tradução. Tudo isto num estilo pontuado por um fino sentido de humor.

Zinaida Lvovskaya, da Universidade de Las Palmas, assina o ensaio "La situación comunicativa como universal de la comunicación verbal", onde trata, nas suas próprias palavras, "de sistematizar los conocimientos sobre el tema, destacando a la vez el carácter universal de esta categoría comunicativa." (p. 51) Neste texto muito instrutivo, a Autora parte da tese de que a **situação comunicativa motiva, determina e actualiza** o sentido do texto para os agentes envolvidos na comunicação monolíngue ou intracultural - o autor e o destinatário. E visa demonstrar - do meu ponto de vista, sem deixar lugar a dúvidas - que o mesmo acontece na comunicação bilingue ou intercultural, i. e., a situação comunicativa também *motiva, determina e actualiza* a actividade do tradutor. Neste caso, e se compararmos com a actividade do destinatário do Texto Original na comunicação intracultural, a actividade do tradutor é acrescida em duas medidas, nas duas fases da sua actividade: na fase interpretativa, a investigação que o tradutor tem de levar a cabo recai sobre o máximo possível de informação situacional do TO; na fase de elaboração do TM (expressão), a investigação recai sobre as não coincidências entre duas culturas que sejam relevantes numa dada situação (cf. p. 63). Obviamente, esta responsabilidade acrescida do tradutor deve-se à natureza da sua própria profissão. Este é um aspecto - o da profissionalização dos tradutores, e agarrado a este, o do profissionalismo - em que nós, leitores portugueses, devemos reflectir por se tratar de um aspecto que deveria convocar as atenções de várias instâncias e comprometé-las...

A "Historia de los intérpretes jurados" é isso mesmo que o título desvela: Josep Peñarroja Fa, da Associació de Traductors i D'Intèrprets Jurats de Catalunya, faz aqui a história desta figura - em Espanha designada por Intèrprete Jurado e nos países ibero-americanos por Tradutor Público - desde o aparecimento da primeira norma a reger os **intérpretes** ou **linguas**, que data de 1529, até ao momento presente. Todas as instruções e legislações que abrangem deveres, obrigações, serviços, honorários, etc. relativos a esta figura, em Espanha, se encontram aqui mencionadas e fundamentadas com transcrições dos respectivos decretos.

O artigo que Elena Sánchez Trigo consagra às **unidades de tradução**, intitulado "Las denominadas unidades de traducción: evolución del concepto y nuevos enfoques", revela-se muito útil por proceder a uma sistematização de abordagens ao conceito provenientes de vários quadrantes teóricos - desde, num extremo do espectro, a primeira perspectiva, tendencialmente linguística, com preocupações de cientificidade, mas bastante redutora, ao outro extremo, que é o da superabrangente medida da cultura como unidade de tradução, que de tão abarcante acaba por não ter utilidade nos estudos concretos do processo de tradução ou de análise do mesmo. Ao mesmo tempo, a Autora propõe uma classificação das unidades de tradução e comenta-as criticamente, apontando ainda novos desenvolvimentos para um conceito que já sendo um clássico na Teoria da Tradução se presta a novas abordagens à medida que a disciplina evolui. O objectivo deste estudo é claramente exposto na introdução - chegar a conclusões sobre a **utilidade** do referido conceito, nas suas múltiplas acepções, em três importantes instâncias: para ajudarem à compreensão do processo de tradução e para franquearem estratégias válidas quer para o exercício quer para a didáctica da tradução. Sendo este um conceito incontornável nos estudos de tradução, este ensaio, pelos objectivos que o motivaram, pelas questões que levanta e pelas características de clareza e sistematização de ideias que apresenta, institui-se certamente como leitura imprescindível - para mim foi-o, sem dúvida. Além do mais, há ainda uma extensa lista de referências bibliográficas a não perder.

O artigo que encerra o volume é da autoria de Julia Sevilla Muñoz e, como o título indica - "El proceso traductológico de la obra de Jean Maillot *La traduction scientifique et technique* en español" - faz a história de todo o percurso calcorreado pela Autora durante o processo de tradução de uma obra de referência sobre a 'tradução científico-técnica'. A sua leitura dá-nos uma ideia bastante expressiva de como é particularmente trabalhosa a tradução científico-técnica quando é empreendida com rigor e seriedade. Ao mesmo tempo, a Autora também afirma, numa expressão de humildade que todos os tradutores certamente compartilham, a precaridade do referido esforço, que é própria da natureza do ofício.